

# O toque de Deus que muda a vida

Enzo Bianchi

Os **Evangelhos** testemunham que Jesus encontrou um grande número de pessoas afligidas por várias doenças: deficiências físicas (coxos, cegos, surdo-mudos, parálíticos), doenças mentais (os “endemoninhados”, que designam pessoas afligidas de tempos em tempos por epilepsia, histeria, esquizofrenia, males cuja origem era atribuída a uma possessão diabólica), deficiências e enfermidades mais ou menos graves (leprosos, a mulher hemorroíssa, a sogra de **Pedro** atingida por grande febre).

O encontro com essa humanidade sofredora, com os rostos e os corpos desfigurados de muitos homens e mulheres, constituíram para **Jesus** uma espécie de **Bíblia** viva, em carne e osso, a partir da qual ele pôde ouvir a lição da fraqueza e do sofrimento humanos, pôde aprender a arte da compaixão e da misericórdia. Podemos dizer que esses encontros representaram para ele um magistério do humano e uma revelação do divino, um lugar de aprendizagem do viver e do crer: Jesus não aprendeu só com aquilo que ele mesmo sofreu (cf. Hb 5, 8), mas também com o sofrimento dos outros.

Os Evangelhos enfatizam o fato de que Jesus *cuida* dos doentes (o verbo grego *therapeúein*, “cuidar”, ocorre 36 vezes, enquanto o verbo *iásthai*, “curar”, 19 vezes), e cuidar significa, sobretudo, servir e honrar uma pessoa, ter solicitude por ela. Jesus vê no doente uma pessoa, faz vir à tona a unicidade dela e se relaciona com ela com a totalidade do seu ser, captando a sua busca de sentido, vendo-a como uma criatura disposta à abertura de fé-confiança, desejosa não só de cura, mas a cura não só, mas daquilo que pode dar plenitude à sua vida.

A propósito, gostaria de fazer um esclarecimento que considero decisivo. No coração dos episódios em que Jesus está lidando com pessoas doentes, não há técnicas de cura e atividade taumatúrgica ou exorcista, mas sim a atitude humana de escuta e de acolhida das pessoas, há a humaníssima realidade do encontro: não há, portanto, a doença, mas sim a pessoa humana.

Jesus não se encontrava com o doente enquanto doente: isso significaria pôr-se em uma condição em que o outro era encerrado em uma categoria, significaria reduzir o outro àquilo que era apenas um aspecto da sua pessoa.

Não, Jesus se encontrava com o outro enquanto ser humano como ele, membro da humanidade, igual em dignidade a qualquer outro ser humano. E, ao se encontrar e ouvir um ser humano, Jesus sabia acolhê-lo, isso sim, também como uma pessoa marcada por uma forma particular de doença.

Em suma, com a sua prática de humanidade, Jesus ensina que cuidar é, em primeiro lugar, encontrar e entrar em relação com um homem ou com uma mulher. Aproximando-se das pessoas não com o poder e o saber do médico, mas sim com a responsabilidade e a compaixão do ser humano, Jesus se apresenta na vulnerabilidade e na fraqueza, e assim consegue encontrar a humanidade ferida dos doentes entrando em uma relação autenticamente ética com eles.

## 1. Jesus não prega a resignação

Acima de tudo, um elemento preliminar, necessário para desmontar a ideia que muitas vezes se ouve evocar, mesmo de boa fé, mas que é muito perigosa, porque acaba atribuindo a Deus e a **Jesus Cristo** um rosto perverso. Encontrando-se com os doentes, Jesus nunca prega a resignação, não tem atitudes fatalistas, não afirma que o sofrimento aproxima mais de Deus, não alimenta atitudes doloristas: ele sabe que não é o sofrimento, mas sim o que salva! Jesus sempre busca restituir ao doente a integridade da saúde e da vida; luta contra a doença, dizendo não ao mal que desfigura o ser humano; cuida e tenta curar com todas as suas forças.

É assim que ele faz das suas curas um verdadeiro **Evangelho** em atos, profecias do Reino, em que “Deus enxugará toda lágrima dos nossos olhos” (cf. Is 25, 8) e “não haverá mais luto, nem grito, nem dor, porque as coisas anteriores passaram” (cf. Ap 21, 4).

A esse respeito, é útil fazer um esclarecimento adicional: ouve-se repetir frequentemente que é preciso oferecer a Deus o seu próprio sofrimento. Que sentido pode ter essa expressão considerada altamente espiritual, mas que pode ser equivocada? Deus aprecie, talvez, a oferta da dor que muitas vezes desumaniza e desfigura? Que imagem de Deus pressupõe tal “apreciação”?

Na verdade, esse conselho espiritual deve ser esclarecido. Certamente, na oferta de si mesmo ao Senhor, que todo cristão deve fazer como autêntico culto espiritual (cf. Rm 12, 1), também estão incluídos os sofrimentos, assim como estão incluídas as alegrias. Por consequência, é preciso dizer ao Senhor: “Eis-me todo inteiro diante de ti, corpo, psique e espírito, incluindo a minha doença e o meu sofrimento!”. Mas nisso também devemos olhar para o exemplo dado por Jesus, que não ofereceu ao Pai o seu sofrimento, mas sim “dirigiu preces e súplicas (...) a Deus, que tinha poder de salvá-lo da morte” (Hb 5, 7) na experiência da sua paixão, vivendo-a no “amor até o fim” (cf. Jo 13, 1), no amor estendido até aos inimigos.

O que foi decisivo e redentor na paixão de Jesus foi o amor com o qual ele viveu o sofrimento e a morte. E assim ele nos ensinou que o que Deus espera de nós quando atravessamos o sofrimento e a doença é que continuemos a nos exercitar no amor, aceitando ser amados e procurando amar. De fato, nós alcançamos o desejo de Deus não na oferta do nosso sofrimento, mas sim quando a nossa vida, mesmo no sofrimento, torna-se dom de si de amor: esse foi o caminho que Jesus percorreu e abriu para aqueles que querem segui-lo.

## 2. Jesus vive a “com-paixão”

Jesus se envolve profundamente com a situação pessoal dos doentes: o seu sofrimento é padecido pelo próprio Jesus, que sente “com-paixão” por eles (cfr., por exemplo, Mc 1, 41; 6, 34), isto é, entra em um movimento de “com-sofrimento” que o envolve até mesmo emotivamente.

Jesus se deixar ferir pelo sofrimento dos outros, se faz próximo do doente mesmo quando as precauções higiênicas (medo do contágio) e as convenções religiosas (medo de contrair impureza ritual) sugeririam colocar uma distância entre ele e o outro: é o caso dos leprosos, que Jesus não se encontra, arrancando-os do isolamento e da solidão à qual estavam constrangidos, mas até os toca. Jesus não cura sem compartilhar! Dessa forma, ele mostra que o que contamina não é o contato com quem é considerado impuro, mas sim a recusa da misericórdia, da proximidade ao doente; ensina que não há sujeira maior do que quem não quer sujar as mãos com os outros; revela que a comunhão com Deus passa pela misericórdia e pelo compromisso com o sofredor. É vivendo a compaixão dessa forma que Jesus narrou o “Deus misericordioso e compassivo” (Ex 34, 6).

Nesse caso, no entanto, também é preciso nos entendermos com relação às palavras. A compaixão vivida por Jesus e por ele pedida aos seus discípulos não é a compaixão no sentido de comiseração, que é justamente rejeitada pelo sofredor como uma ofensa e uma lesão à sua humanidade. Não, a compaixão, biblicamente entendida, é o deixar-se ferir pelo sofrimento do outro, é o “com-padecer” com quem está ao lado, é a rejeição radical da indiferença perante o mal. Isso sem qualquer protagonismo, sem qualquer insistência posta sobre o “fazer caridade” próprio: é significativo, a esse respeito, que o verbo grego utilizado para narrar a atitude de Jesus e do Pai por ele descrito nas parábolas (*splanchnízein*) indica, literalmente, o fato de “ser tomado por, ser movido por uma compaixão visceral”, ou seja, o reagir a estímulos provenientes do exterior.

“Ver e ser movido por uma compaixão visceral”: eis o que impulsiona o **Bom Samaritano**, figura de Jesus, a se fazer próximo do homem deixado meio morto pelos assaltantes na beira da estrada (cf. Lc 10, 33); eis o que leva o Pai pródigo de amor a correr ao encontro do filho pecador, quando este ainda está longe (cf. Lc 15, 20).

## 3. A escuta, o diálogo, a fé-confiança

Nos seus encontros com os doentes, Jesus sempre apela aos recursos interiores da pessoa que tem à sua frente: e assim a cura, quando se verifica, ocorre sempre em um contexto relacional em que Jesus desperta e faz surgir a fé da pessoa, isto é, a sua capacidade de confiança e de entrega, a sua vontade de

### Coração e Compaixão 3

vida e de relação. Pode-se pensar, mais uma vez, na práxis com a qual Jesus se aproxima e cuida dos leprosos, verdadeiros párias da sociedade do seu tempo, marcados a fogo por um estigma que os excluía da família e das relações afetivas e sexuais, da vida social, da comunidade religiosa e da prática cultural.

Nas relações com os leprosos, Jesus coloca em ação uma atitude sociável que o leva a se encontrar com quem era relegado para fora dos centros habitados, a tocar os “intocáveis”, a considerar como pessoas aqueles que, aos olhos de todos, eram atingidos pela maldição e pelo castigo divino, a empreender relações com aqueles que eram condenados ao isolamento (cf. Mc 1, 40-45; Mt 8, 1-4; Lc 5, 12-18).

Ou, pense-se no encontro de Jesus com o chamado “endemoninhado de **Gerasa**” (cf. Mc 5, 1-20). Com relação a ele, Jesus realiza uma paciente escuta, empreende um diálogo, busca um encontro pessoal e, assim, lhe transmite confiança e autoestima. Graças à relação, aquele que antes era violento, autodestrutivo, descuidado de si mesmo, nu, muda a tal ponto que, no fim, ele pode ser visto “sentado, vestido e no seu perfeito juízo” (Mc 5, 15). E este homem, Jesus também oferece uma indicação de futuro, restituindo-o a si mesmo, ao seu ambiente familiar e social, e confiando-lhe uma tarefa a ser feita: “Vai para casa, para junto dos teus, e anuncia-lhes tudo o que o Senhor, em sua misericórdia, fez por ti” (Mc 5, 19).

Em síntese, se é verdade que “a fé nasce da escuta” (Rm 10, 17), Jesus mostrou a verdade dessa afirmação em nível antropológico: com a sua prática de humanidade, ele foi capaz de redespertar a humanidade dos doentes, ouvindo-os, pondo neles confiança e valorizando a sua confiança. Eis porque, quando ele restituía à vida em plenitude as pessoas doentes, despedia-se delas confessando, quase com espantosa gratidão: “A *tua* fé te salvou” (Mc 5, 34 e par.; 10, 52; Lc 7, 50; 17, 19; 18,42).

#### 4. As curas, sinais da salvação

Gostaria, por fim, de esboçar um elemento que mereceria um desenvolvimento muito maior. A cura operada por Jesus no corpo e no espírito das pessoas doentes é sinal da salvação, que é libertação definitiva do mal e da morte: o poder dos seus atos de cura é, de fato, o próprio poder do evento pascal, que atua graças a um enfraquecimento de Jesus, a uma perda de força, em suma, à sua morte.

Significativamente, os relatos de cura deixam transparecer a duração e a fadiga de tais intervenções de Jesus: não se trata de intervenções mágicas, mas sim de encontros pessoais, que custam tempo e energias físicas e psíquicas para conduzir aquele que delira a entrar em uma relação humanizada (cf. Mc 5, 1-20), que pedem que Jesus se informe e saiba detalhes sobre a doença do menino epilético para poder intervir (Mc 9, 14-29), que exigem a repetição de gestos terapêuticos (como no caso da cura do cego de **Betsaida**: Mc 8, 22-26), que lhe tiram energias (como no episódio da cura da hemorroíssa: Mc 5, 25-34).

Na fraqueza humana de Jesus, atua o poder de Deus: Jesus cura graças a uma morte e a uma ressurreição. Toda cura, portanto, remete ao evento salvífico definitivo que é a ressurreição: por trás de toda cura, delinea-se o molde da cruz e do seu paradoxal poder vivificante. O evangelista Marcos mostra essa realidade com particular fineza quando, para narrar a cura do menino epilético, usa a terminologia com que o querigma cristão proclamava a morte e a ressurreição de Cristo: “O menino ficou como morto (*nekrós*), tanto que muitos diziam: ‘Morreu!’ (*apéthanen*). Mas Jesus o tomou pela mão e o levantou (*égheiren*); e ele ficou de pé (*anéste*)” (Mc 9,26-27).

**Enzo Bianchi**, fundador da **Comunidade de Bose**,

Publicado no jornal **Avvenire**, 11-12-2011

## ABRIR-SE À TERNURA - A HISTÓRIA DE HELENA

Jean Vanier

A Helena, da comunidade de Punla nas Filipinas, morreu há alguns meses. Tinha quinze anos quando chegou à comunidade. Tinha vivido no hospital desde a nascença e era muito pequena. Era cega, incapaz de andar, de falar, de fazer fosse o que fosse com as mãos; um pobre corpinho ferido e frágil.

Era Keiko, uma jovem japonesa, que se ocupava dela. E quando fui a Manila nesse ano, Keiko disse-me como era difícil conviver com a Helena. Helena não tinha qualquer reacção. Era completamente amorfa, não reagindo a nada, não reclamando nada, capaz apenas de mamar o biberão que lhe metiam na boca. Era muito duro não saber nada do que ela podia sentir e não ter qualquer comunicação com ela.

Encorajei Keiko a falar-lhe com muita doçura, a tocá-la com muita ternura, a segurá-la com muito amor. E disse-lhe. “Se Deus quiser, um dia ela sorrirá. E, nesse dia, Keiko, mandar-me-ás um postal”.

Alguns meses depois, recebi um postal de Manila: “A Helena hoje sorriu”, escrevia Keiko. Helena tinha recuperado a vida: algo de emparedado nela, no fundo dela, se tinha libertado, uma pequena nascente havia surgido, tinha recuperado a confiança.

É assim, nós somos seres de comunhão, e quando a comunhão não é possível, fechamo-nos em nós próprios, tornando-nos incapazes de comunicar, de agir, de entrar nessa circulação vital do mundo e dos seres; é como se tivéssemos deixado de ser irrigados. A criança que está abandonada, deixada a si própria desde a nascença, fecha-se num mundo de tristeza e de depressão e torna-se incapaz de reagir. (...)

Tudo o que a criança pode viver é a comunhão, esse vaivém de amor em que se dá e se recebe. Às vezes oiço os psicólogos dizerem que a criança não ama, que o amor é algo que se desenvolve, algo que é da ordem do dom e do altruísmo.

É verdade que há no amor essa dimensão oblativa que é necessário indubitavelmente adquirir pouco a pouco, mas é falso dizer que a criança não ama. Pelo contrário, a criança não é senão amor. Mas vive uma forma de amor que nós perdemos e de que temos muito medo: o amor de confiança.

**Há um amor de generosidade de que sem dúvida o pequenino não é capaz. Um bebé não é generoso! Mas é extraordinariamente confiante e a confiança é já um dom de si.**

**Nós crescemos talvez em generosidade, mas perdemos a confiança: a confiança em Deus, a confiança nos outros.** Temos tanto medo de ser enganados, manipulados, traídos, de depositar mal a nossa confiança que desenvolvemos todo um sistema de defesa, ao abrigo do qual procuramos provar a nossa independência, a nossa autonomia.

A criança não pode ser autónoma. É tão pequena quando nasce que nada pode fazer por si própria, nem sequer puxar os cobertores se tem frio de noite! **Está dependente em tudo e só pode gritar.** Mas o que é extraordinário é que **o seu grito é também um sinal de confiança:** “Tenho confiança em ti, sei que me amas, sei que queres o meu bem, que queres que eu seja feliz. Sei que responderás ao meu grito”, diz ela.

E a mãe responde ao grito da criança, interpreta o seu grito: “Tem fome, tem sede, sente-se triste, tem medo do escuro...” Gosto muito de ouvir uma mãe interpretar o grito do seu bebé, compreendê-lo, porque o ama e o conhece. (...)

A criança precisa de ser amada, com esse amor que lhe revela que é bela, que estamos felizes de estar com ela, felizes que ela exista, felizes de nos ocuparmos dela, de tocá-la, de a banhar, de a beijar ou de brincar com ela.

## **Coração e Compaixão 5**

Ela sente-o através da forma como a tocamos, como lhe falamos, pois não contam apenas as palavras, mas também, e mais ainda, o tom de voz. Quando uma criança é pequena demais para compreender as palavras, compreende no entanto muito bem o tom de voz. (...)

Não conhecemos a história da Helena, não sabemos exactamente o que a feriu, mas sabemos que ela estava horrivelmente ferida. Deve ter chamado e chamado para receber amor, ternura, para que alguém se ocupasse dela com doçura, para que lhe fizessem sentir que ela era importante, que ela contava para alguém. E se ninguém respondeu - e ninguém deve ter respondido - um dia deixou de chamar, fechou-se em si própria, retirou-se o mais que pôde do mundo. (...)

Como sairá Helena da sua prisão de medo e de desespero? Como se abrirá de novo à comunicação? Encontrando alguém em quem possa ter confiança, alguém que não a julgue nem a condene. Porque se Helena se abre um pouco e logo a seguir é julgada ou condenada, se a acham “má”, ela fechar-se-á definitivamente.

Como tocar a Helena para lhe devolver confiança, para que não se sinta julgada? Helena grita pela comunhão e não-condenação, mas o seu grito está encerrado nela. É como uma pedra e não reage a nada. (...)

Para viver, uma Helena precisa imensamente de ternura, precisa de sentir que está em comunhão com os outros. E se recebe essa comunhão, deixará cair as suas barreiras de defesa, abrir-se-á pouco a pouco. E, um dia, sorrirá.

A história de Helena na comunidade foi muito curta. Foi Jing que, um dia, a resumiu assim: “A Helena veio, sorriu, foi baptizada e, depois, morreu”. A sua morte foi muito dolorosa: teve uma crise de epilepsia, mas não conseguiu recuperar a respiração e sufocou. Agora, é o anjo da guarda da comunidade, aquela que no coração de Jesus vela sobre a comunidade. É misterioso que tenha ficado tão pouco tempo connosco, cerca de um ano. Talvez não tenha vindo senão para sorrir e nos ensinar o segredo da comunhão.

Helena não vivia senão de comunhão. Teve tempo de a recuperar e de nos ensinar quanto medo também nós temos, e quantas defesas; talvez não a imobilidade como ela - muitas vezes preferimos a hiperactividade - mas a hiperactividade é igualmente eficaz para nos fecharmos e nos escondermos dos outros. Para nos aproximarmos de uma Helena, é preciso que nós também nos abramos, que cessemos de querer fazer coisas, que também estejamos dispostos a viver em comunhão, para que não tenhamos mais medo da nossa doçura e da nossa própria ternura.

A Helena precisava que nós descobríssemos a nossa própria ternura e nossa doçura. Viveu profundamente a primeira bem-aventurança - era tão pobre - e tinha imensa necessidade da terceira bem-aventurança: “Bem-aventurados os mansos...” Para nos aproximarmos de uma Helena, é preciso ter muita mansidão, isto é, muita doçura; para a tocar sem a ferir, é preciso uma imensa ternura e se, no nosso íntimo, há violência, não poderemos tocá-la. Quanto mais alguém está ferido, mais doçura é necessária. Para lavar o corpo de alguém que vai morrer, é precisa uma doçura extrema.

Helena ensinou-nos a viver a terceira bem-aventurança.

Jean Vanier, em “A Fonte das Lágrimas”

*<http://seguirjesus.blogspot.it>*

## CORAÇÃO GRANDE

São Bento adota a imagem do coração grande dos Padres da Igreja. Ambrósio pensa que apenas o coração grande oferece espaço a Deus para lá morar. E Cassiano está convencido de que apenas um coração grande pode alcançar a serenidade e encontrar a paz interior.

A pessoa com um coração pequeno torna-se covarde e impaciente. Quando a cascata de agressões e depressões correm para o coração pequeno, ele é inundado por elas. Quando o coração se tornou grande através do amor, as marés de emoções rapidamente fenecem nele.

**Só um coração grande pode experimentar a abundância da vida. Um coração pequeno é demasiado estreito para a riqueza da vida. Fechar-se-á com medo das normas de conduta, em vez de se entregar à vida.**

Santo Agostinho fala do amor e da alegria que torna o coração grande. São Bento encontrou a expressão do coração grande certamente no Salmo 119, 32. São Bento gosta deste salmo.

**Quem reflecte sobre os mandamentos de Deus, quem medita no amor de Deus, verá que o seu coração se torna grande. Quem realmente experimentou Deus, recebe um coração grande. O coração grande é sinal de verdadeira espiritualidade.**

*Anselm Grün, em “Bento de Núrsia - Mestre da Espiritualidade”*

## A DOÇURA DO AMOR

O coração grande é uma condição para a experiência da vida verdadeira. A outra marca é a alegria indizível do amor. Em latim está escrito: “*inenarrabili dilectionis dulcedine* = a indescritível doçura do amor.” (...)

“*Dulcedo*” é para os latinos o mesmo que o amor. O amor é doce. Tem um sabor doce. **Os latinos sabiam que o amor ao homem empresta outro sabor, ao contrário do ódio que faz o homem amargo. Para os latinos, a sabedoria está no sabor (*Sapientia*). Quem saboreia a essência, é sábio. Quem ama sente um sabor doce e agradável, um sabor amoroso. Quem ama saboreia a vida.**

Na tradição espiritual, a “*dulcedo Dei* = A doçura de Deus” desempenha um papel importante. A experiência de Deus deixa no homem um sabor doce. A «*dulcedo Dei*» relaciona-se sempre com a experiência interior de Deus nos próprios corações.

**Deus não é o sentimento. Mas deixa os seus vestígios no sentimento. Não conseguimos ver Deus, mas podemos saboreá-lo. O sabor doce é a experiência mais profunda de Deus que nos é possível.**

Para o papa São Gregório Magno, a doçura interior é fruto da contemplação. Ele diz que a alma não existe sem alegria. A alegria indestrutível é a alegria espiritual. Na contemplação, a alma é penetrada por uma doçura inenarrável. São Bento entende esta doçura da experiência de Deus, quando se refere à inenarrável “*dulcedo*” do amor.

*Anselm Grün, em “Bento de Núrsia - Mestre da Espiritualidade”*

## VIDA DE AMOR

Quando perdemos de vista o elemento central da santidade cristã, que é o amor, e quando esquecemos que o caminho para cumprir o mandamento cristão do amor não é algo de remoto e esotérico, mas sim algo que está imediatamente diante de nós, então a vida cristã torna-se complicada e muito confusa. Perde a simplicidade e a unidade que Cristo lhe deu no seu evangelho, e torna-se um labirinto de preceitos sem conexão, conselhos, princípios ascéticos, casos morais e até detalhes técnicos legais e rituais. Estas coisas tornam-se difíceis de entender, na medida em que perdem a sua conexão com a caridade que as une e lhes dá uma orientação para Cristo.

*Thomas Merton, em “Vida e Santidade”*